

Eu: narrador e personagem, suas singularidades *in* memórias

Nilma Machado Carvalho (UFMT)¹

Introdução

A memória tem sido foco de discussões na contemporaneidade, pois é pressuposto teórico para algumas áreas das ciências humanas: psicologia, sociologia, filosofia, entre outras. Além disso, ganha bastante atualidade nas artes, principalmente na literatura. Ela se configura, pois, como recurso literário principalmente quando os dramas humanos eclodem e se faz necessário rever alguns eventos no tempo e no espaço sociohistórico. Assim, a memória pode ser necessária para não deixar cair no esquecimento fatos que são fundamentais relembrar, portanto, transformou-se em um gênero literário voltado ao Eu interior, com objetivo de entender os dramas vividos, enfatizando um ponto de vista particular com o qual o leitor se identifica porque viveu, de alguma forma, um evento semelhante, pois o caráter do gênero memória é o de testemunhar e trazer à tona um episódio que foi relevante no passado.

Contudo, ao tentar tecer considerações sobre memória, somos seduzidos a verificar o Eu que erige da dualidade narrador e personagem de primeira pessoa nos romances memorialistas, pois esses romances têm como caráter estético um personagem narrador que retoma um fato digno de ser lembrado. Na verdade, a percepção de memória que aflora no indivíduo, representada nas imagens do passado, culmina também numa reflexão que sobressai no nível do inconsciente e se esgalha na lembrança, por isso a memória se torna um recurso para extrair o que está nas profundezas da essência humana, contrapondo o Eu presente com o Eu retomado.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo uma aproximação da representação desse Eu no presente e no passado, trilhando pela estética memorialista, porque o narrador também se configura num personagem muito importante no desvendamento da análise da obra literária.

Memória como estética literária

Le Goff (1996, p. 460) faz um estudo trilhando os caminhos que o vocábulo “memória” percorreu, ressaltando suas características e suas disparidades em relação ao contexto vivido outrora e atualmente. Para esse teórico o termo teria vindo do vocábulo principal *mémoire* surgido na Idade Média no século XI. Daí em diante o termo foi se transformando e ganhando conotações diversificadas relacionadas ao contexto social. Aparece, então, no século XV, o vocábulo *mémorable* exatamente no momento em que as artes estavam em ascensão. Assim o termo ganha espaço nos dicionários e enciclopédias. De lá para cá, a literatura intimista ganhou uma nova técnica narrativa, no caso memórias, bastante cultivada por se tratar do indivíduo em seu tempo e espaço.

O renomado pesquisador Karl J. Weintraub, em seu artigo intitulado “Autobiografía y conciencia histórica” (1991, p. 18), discorre sobre o gênero autobiográfico e afins como memórias, diários íntimos, auto-retratos entre outros que subsidiaram e subsidiam no conflito do indivíduo com ele mesmo. Para ele, a literatura é um espaço de fuga que o homem solitário encontra para se refugiar e contar aos demais seus problemas individuais que nem sempre são individuais. Na verdade, é a tentativa de pedir socorro ou mostrar para a sociedade seu fracasso. Nesse sentido, a literatura de narrador em primeira pessoa foi bastante utilizada, ou melhor, autobiografia, memória, confissões e diários íntimos foram imprescindíveis para que o homem ocidental compreendesse mais a sua existência separada da coletividade.

Weintraub (1991, p. 25) observa que historicamente o homem teve sua construção baseada no tempo, ajudando o mundo a ser formado de maneira a preservar esse elemento de contingência e necessário para o indivíduo experimentar como ato de liberdade dentro dessa linha cultural e histórica que o envolve. Dessa forma, o viver em sociedade lhe assegura a condição humana, porém no seu íntimo o homem necessita de alguma forma registrar suas angústias ou seus feitos, ou seja, de alguma forma ele precisa deixar sua história de vida para que nela possa haver uma identificação com o outro ser que o rodeia. O gênero memória tem sido largamente estudado como um recurso para compreender a sociedade a partir do indivíduo e do grupo em que ele está inserido. Além de permitir entrar em contato com fatos que marcaram uma coletividade, metonimizado num indivíduo, é usado também como recurso na literatura para compreender os depoimentos de traumas sobrevividos.

Caballé, na sua obra *Narcisos de tinta* (1995), pontua considerações assertivas em relação a memórias e autobiografia. Para adentrar no gênero memórias, faz uma longa distinção entre esses dois gêneros por apropriarem-se do “Eu”. No contexto em que produz seu estudo, apresenta em linhas gerais o interesse, na atualidade, por esse estilo literário, estabelecido em congressos internacionais promovidos em prol de memórias. A literatura do “Eu” atraiu para si um contingente de escritores que viram nessa forma de expressão artística uma possibilidade de falar sobre suas experiências de vida. No entanto, o malogro deu-se em virtude desses gêneros pressuporem o relato da verdade.

Caballé (1995, p. 37) salienta que a problemática reside na impossibilidade de conhecer-se a si mesmo e o escritor trilhar pela subjetividade, melhor ainda, a autobiografia e as memórias devem tratar de uma realidade e o leitor exige a sinceridade dos fatos com uma linguagem objetiva. Portanto, o insucesso aparece na estrutura narrativa, porque o escritor ocupa a posição de autor, narrador e personagem, permitindo uma discussão lingüístico-discursiva. Desse modo, ao falar

de si mesmo, está dizendo algo mais além da simples descrição de sua vida. Nesse contexto, o leitor reclama da inverossimilhança existente nos gêneros “[...] cuando un memorialista se refiere, por ejemplo, a la autenticidade de su discurso al hablar de sí mismo está diciendo algo que también va más allá de la simple descripción o aseveración” (CABALLÉ, 1995, p. 38).

Em contrapartida, Gusdorf (1991, p. 252) observa esse gênero, memória, como sendo um subsídio indispensável para oferecer uma visão pessoal da história concentrando mais no coletivo, fugindo, então, à subjetividade proposta pelo narrador, pois a partir dele vemos a realidade social estabelecida. A memória, apesar de apresentar traços subjetivos, tem como objetivo principal rever e refletir eventos de uma coletividade, principalmente no sentido político, bélico e sobre a violência de um modo geral.

Nesse sentido, esse teórico apresenta um estudo pertinente ao discurso estabelecido sobre a narrativa em primeira pessoa. A discrepância em relação ao narrador de primeira pessoa é singular, pois o pesquisador expõe as escritas do Eu englobando todos os textos a favor de uma individualidade aprofundada no conhecimento dela mesma como possibilidade de elucidar o passado, o presente e mesmo profetizar o futuro. Sobretudo, pode-se dizer que ao longo desses trabalhos ele deu prioridade à vida interior sobre a presença do mundo exterior (GUSDORF, 1991, p. 242-243).

Nessas considerações supracitadas, Gusdorf não deixa escapar a necessidade que o indivíduo tem de escrever sobre sua experiência de vida, seja um fato sublime ou um fato que carece de verificação, para ele,

un nombre certain d'individus éprouve le besoin de se remémorer leur vie, de commémorer ce qu'ils furent, en prenant par rapport au devenir de l'existence un recul suffisant pour une conscience de leur personnalité et du rôle qu'ils ont joué, qu'ils jouent, dans la société des hommes² (GUSDORF, 1991, p. 250).

A dualidade personagem-narrador

Cândido (2004) assegura, sobre o ser de ficção, que depois do término da leitura de um romance o que sobressai é sempre a personagem, devido à relação que o ser ficcional tem com a pessoa real. Para ele, a personagem se projeta a partir do enredo, e este, a partir da personagem e os dois determinam o que ele chamou de “idéia”, ou seja, valores e significados. Ainda sobre a discussão, Cândido declara que, entre outras coisas, reside um paradoxo verossímil, pois no romance como pode um ser fictício comunicar “a impressão da mais lídima verdade existencial”? (CÂNDIDO, 2004, p. 55). Com efeito, Cândido reconhece que a personagem é a comunicação entre o ser real que se apossa da ficção, discutindo um problema social e para tanto, é preciso ser o mais verossímil possível.

Nesse sentido, quando o romance fizer uso do personagem-narrador, em primeira pessoa, teremos na perspectiva de Bosi que a narrativa será mais verdadeira porque é mais “fiel à situação de base, extratextual, de cada um de nós, que somos sempre um *eu* limitado, capaz de conhecer apenas alguns dados, alguns perfis da realidade” (BOSI, 1977 *apud* DAL FARRA, 1978, p.11-12, grifo do autor).

Cândido apresenta considerações pertinentes ao entendimento da personagem verificando sua criação, porém ele deixa de discutir o personagem-narrador, nosso objetivo neste trabalho. A personagem de ficção deve comunicar a sua genuinidade no sentido de representar o ser real, porém no caso da personagem de primeira pessoa, a qual narra e vive sua própria história, como seria essa discussão? Por que o narrador se confunde com a protagonista? O autor cria a si mesmo? Em se tratando de um romance de memórias como seriam essas singularidades entre autor, narrador e personagem? Dal Farra em seu livro *O narrador ensimesmado* (1978), faz uma discussão a esse respeito, para ela, a personagem sobressai no momento em que

a voz, a emissão através da qual o universo emerge, se desprende de uma garganta de papel, recorte de uma das possíveis manifestações do autor. Como narração, ela emana de um ser criado pelo autor que dentre a galeria das suas posturas — personagens —, elegeu-a como *narrador* (DAL FARRA, 1978, p. 19, grifo do autor).

Como está dito no exposto, o autor se confunde com o narrador e, em muitos casos, com a personagem, e assim a crítica não vê com bons olhos essa dualidade porque pode gerar inverossimilhança, no sentido de não se acreditar muito na história da personagem. Considerando, claro, o demiurgo ser o seu “porta-voz”, o “narrador se torna, então, mais que a personagem fictícia assentada como tal” (*Idem, ibidem*), assim será a entidade que permeará toda a ação do romance, sua onisciência lhe assegurará sua importância no espaço ficcional.

Portanto, em romances de memórias o narrador-personagem ganha crédito na visão do leitor, porque é através da verossimilhança que é possível levar o leitor a entender suas lembranças, e o viés intimista só ajuda-o a se ver identificado com a personagem-narrador, porque teremos um ser adulto que em muitos casos retornará à infância em busca de momentos vividos que lhe trarão condição de refletir em relação ao seu Eu. Dal Farra considera que

se o romance deve dar a impressão de que a vida está sendo representada em toda sua totalidade intensiva, a ação deve estar localizada no passado e o narrador — enquanto controlador da estória — não pode estar confinado ao lugar do seu discurso. Ele manterá os olhos abertos para os dois lados do tempo, adquirindo a flexibilidade necessária para se mover num circuito de ida e volta entre os três elementos temporais: passado-presente-futuro (*Idem, p. 22*).

Assim, vemos que as particularidades explicitadas em um romance de memórias fazem com que o narrador-personagem “circunscreva à esfera da memória” (*Idem, p. 23*), tendo condições de ser o mais verossímil possível por tratar de um romance que se vale de uma realidade social configurada em um trauma carecente de

reflexão social, pois o evento narrado é coletivo ainda que trate de um evento isolado, pois é coletivo porque “nossas lembranças permanecem coletivas”.³

Portanto, o foco a ser utilizado vai depender muito do assunto a ser tratado na narrativa, no caso dos romances de memórias, o narrador de primeira pessoa se torna indispensável para entender o momento relatado e entender a si mesmo.

Considerações finais

A obra literária, a partir de seu foco narrativo, pode suscitar leituras discrepantes, por conseguinte, o narrador-personagem traz uma cisma ao leitor de gêneros intimistas ou a literatura do Eu. Essa discussão ainda persiste, pois a crítica por um bom tempo desconfiou do foco de primeira pessoa por conta da subjetividade existente na narrativa. Porém os romances intimistas explodiram com uma grandiosidade espetacular, ganhando muitos adeptos.

No viés memorialístico, vimos explícitos sentimentos de violência materializados a partir da visão subjetiva do narrador-personagem. Em contrapartida, o discurso memorialístico como escritura leva-nos a perceber uma objetividade que desprende da subjetividade explícita na escrita de memória que compõe histórias entrelaçadas em um contexto predeterminado. Objetividade porque os relatos dos eventos devem conter o tempo e o espaço em que aconteceram, e subjetivo porque o narrador e personagem se entrecruzam na narrativa, apresentando dois momentos: o ato de narrar e o de experimentar,

catalisados num único ser, que pode distanciar-se ou aproximar-se de si mesmo. O espaço cavado entre os seus “eus” — distância e proximidade perspectivas — é elástico e não pode ser delimitado, pois se permite oscilar desde a gradação máxima — narrador é velho e o personagem é moço — até a mínima, onde narrador e personagem estão situados no mesmo tempo (*Idem*, p. 40).

Dessa forma, percebemos as marcas de um caminho deixado por essa dualidade que a trama faz surgir no evento narrado, surgindo uma nova história na qual cria o mesmo quadro temporal do que foi no passado. Contudo, percebemos que o Eu se perde em meio a um emaranhado de recordações confusas para poder entender sua essência. Por isso, ao relatar as lembranças de um evento, em um determinado momento, o autor estabelece leituras do seu passado que lhe permitam atribuir significados ao seu Eu. Daí ser possível que, ao ser retomado em outro momento, terá o seu conflito revisto e pode ter a possibilidade de conceber novos significados, de forma catártica e sublime tanto para o memorialista quanto para o leitor.

Referências

CABALLÉ, A. *Narcisos de tinta*. Madrid: Megazul, 1995.

CANDIDO, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Editora Ática, 1978. (Coleção Ensaio 47).

GUSDORF, Georges. Autobiographie et mémoires: le moi et le monde. In: *Les Écritures du Moi*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas/ São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

WEINTRAUB, Karl J. Autobiografía y conciencia histórica. Traducción de Ana M. Dotras. *Suplementos Anthropos*, monografías temáticas, v. 29, dic. 1991.

Notas

¹ Nilma Machado Carvalho é mestranda pelo MeEL — Mestrado em Estudos e Linguagens do Programa de Pós-Graduação da UFMT — Universidade Federal de Mato Grosso. É especialista em Literatura Ibero-Americana pela mesma universidade e professora de Literatura na rede particular.

² Um certo número de indivíduos sentem a necessidade de recordar as suas vidas, para comemorar o que eles foram, em relação ao devir da existência, considerando o retrocesso satisfatório para conscientizar sobre sua personalidade e seu papel que desempenharam e desempenham na sociedade.

³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Para esse filósofo, nossas lembranças estão ligadas ao outro porque vivemos em coletividade.